



Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Confira, diariamente, no blog Mercado Digital, conteúdos sobre tecnologia e inovação. Para acessar, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

jornaldocomercio.com/mercadodigital



‘Humanos devem manter a capacidade de questionar’

A inteligência artificial costuma ser discutida a partir de uma lógica de disputa: de um lado, a capacidade humana; de outro, a potência das máquinas. Para Ricardo Cappra, fundador do Cappra Institute e especialista em cultura analítica, essa leitura já não dá conta do presente. Autor de Híbridos: o futuro do trabalho entre humanos e máquinas, ele argumenta que pessoas, tecnologia e informação passaram a operar de forma interdependente – e que, nesse contexto, o valor mais estratégico do humano está menos na execução e mais na capacidade de questionar.

No bate-papo para o podcast Better Future, iniciativa do Jornal do Comércio, discutimos como a inteligência artificial altera a relação das pessoas com os dados, por que o pensamento crítico tende a se tornar a principal competência humana e quais são os desafios que líderes e organizações enfrentam ao tentar organizar um mundo em transformação.

Mercado Digital – Você lançou recentemente o livro Híbridos: o futuro do trabalho entre humanos e máquinas. Qual foi a tua inquietação para escrever essa obra?

Ricardo Cappra – Sou um profissional de formação técnica dentro da área de tecnologia e fui atuar com analytics, business intelligence e ciência de dados. Essa foi a maneira que achei de trabalhar com dados em um ambiente de negócio. E eu tinha muita dificuldade de conversar com as lideranças e com as pessoas de negócio sobre o uso de dados dentro da área corporativa. Era uma conversa difícil

e eu não conseguia entender por quê. Fui percebendo que eu tinha um dialeto, um idioma um pouco diferente para falar sobre isso, que é de uma formação técnica.

Eu venho de código, aprendi a programar em linguagem de programação. Eu usava a mesma lógica da programação para tentar conversar com as pessoas no ambiente de negócio e o que eu fui percebendo é que as pessoas tinham dificuldade em se relacionar com dados de uma maneira ativa. Elas tinham medo da planilha, da matemática e dos dados efetivamente. Então, eu fui estudar filosofia (graduação e mestrado) para entender o que estava por trás daquela dificuldade da compreensão da linguagem técnica. E aí eu descobri um novo mundo diferente do que eu estava habituada. Disso veio, inclusive, a abordagem de cultura analítica, que é um ambiente que, de alguma maneira, interfere na forma de ser, viver e trabalhar dos indivíduos. O livro Híbridos é um reflexo dessa investigação.

Mercado Digital – Você defende a tese de que não devemos mais pensar o humano de forma isolada. E daí vem a ideia do sistema ampliado. O que é esse conceito?

Cappra – Estamos querendo colocar a inteligência artificial como se fosse um paralelo à inteligência humana. Inclusive, quando a gente vê o desenvolvimento de robôs, lá está o engenheiro desenvolvendo o robô que tem a pinça igual a pinça da mão humana. Estamos tentando copiar a maneira que o humano funciona e transferir isso para uma inteligência artificial ou até uma robótica. Mas, na verdade, a gente tem que entender que isso é um suplemento, complemento ou até um outro tipo de inteligência. Esse comparativo que fazemos com a inteligência humana, talvez seja uma falha nossa de querer colocar na mesma caixa de inteligência. Estamos inseridos em um meio em que a gente não consegue mais distinguir onde começa um e termina o outro.

Mercado Digital – Como essa interdependência acontece, na prática?

Cappra – Se eu perguntar sobre o seu processo de tomada de decisão com relação ao desloca-



CAPPRÁ INSTITUTE/DIVULGAÇÃO/JC

É muito precipitado classificar tudo como certo e errado, alerta Ricardo Cappra, especialista em cultura analítica



Se a gente não mantiver o nosso pensamento crítico ativo como ser humano, a gente se torna um circuito repetidor. Temos que deixar um espaço dentro das empresas para o humano ter o papel dele, que é questionar

mento de trânsito, provavelmente você não sabe mais dizer o que começou a interferir na sua decisão e onde isso terminou, porque está tudo interligado e, dificilmente, a gente vai conseguir se desligar do meio. Tudo é cercado de informação e tecnologia. A gente não consegue mais dissociar uma coisa da outra. É um sistema interdependente.

A empresa, a organização, o profissional que de alguma maneira pensa um isolamento do sistema, na verdade, está se deslocando de um mundo real, porque

o mundo real é esse, ele é cercado de tecnologia, inundado de informação. Obviamente, há pessoas formadas e trabalhadas dentro desse ambiente que já vem com uma outra mentalidade.

Mercado Digital – Qual é a principal mudança provocada pelas ferramentas de IA na relação das pessoas com os dados?

Cappra – Antes, para eu me relacionar com dados, eu precisava ter uma habilidade técnica específica, saber programar ou navegar numa planilha. O que estamos fazendo, agora, com o surgimento de novas ferramentas e recursos, é dialogar com dados. A gente demorou (e demora) para perceber essa relação, porque nunca tivemos interfaces com essa possibilidade. É uma mudança comportamental, porque, antes, a gente se afastava da relação com dados. Essas ferramentas permitem que eu crie uma linha de diálogo diretamente com o instrumento que é o dado. Então, a principal mudança é de comportamento.

Mercado Digital – O que podemos esperar dessa mudança cultural?

Cappra – Eu acho que, culturalmente, o que a gente vai ter a partir daqui é uma adaptação das pessoas com o sistema. Isso vai mudar um pouco até o processo de regra de aprendizado, a maneira que a gente se relaciona com

conteúdo e a capacidade crítica.

O que sobra é pensamento crítico. Eu uso um termo um pouco mais complexo no livro, que é a proletarianização cognitiva, que diz o seguinte: se a gente não mantiver o nosso pensamento crítico ativo como ser humano, a gente se torna um circuito repetidor. Temos que deixar um espaço dentro das empresas para o humano ter o papel dele, que é questionar. Precisamos manter o processamento crítico como papel essencialmente humano.

Mercado Digital – Diante desse novo mundo, qual a provocação que você faz para os líderes?

Cappra – A gente precisa entender que estamos tentando organizar um mundo que ainda não está pronto para ser organizado. É muito precipitado classificar tudo como certo e errado ou colocar tudo dentro de regras e leis. Tomem cuidado com qualquer regra, porque a gente está em meio de uma grande onda de transformação. Neste momento, precisamos ter capacidade de questionar o que está ao nosso redor. O indivíduo que está por trás desse artificial que está ocupando o mundo precisa manter o pensamento crítico, a capacidade de fazer pergunta, de discernir certo e errado. Esse é o lugar entre o humano e a máquina.



Estamos tentando copiar a maneira que o humano funciona e transferir isso para uma inteligência artificial ou até para a robótica. Não é esse o caminho